

A afinadora da orquestra

Ela é carioca, tem 26 anos e toca violino como poucos. Priscila Plata Rato é spalla da Orquestra Sinfônica da Bahia. O que quer dizer? Depois do maestro, ela é a principal figura mais importante do grupo

Lina de Albuquerque 25/03/2015 8:30, atualizada às 24/03/2015 17:11:12



Priscila Plata Rato , a violinista e um de seus violinos, o menor e mais agudo instrumento de sua família – Foto: Leo Castro

“Desejo a Priscila Plata Rato uma brilhante e merecida carreira. Meus melhores votos e parabéns pelo seu talento”, diz o pianista Nelson Freire. Em geral, um jornalista não deveria iniciar uma reportagem com aspas. Seria mais elegante se não fosse assim, a menos que a declaração seja feita por aquele que é considerado um dos maiores pianistas do mundo e dirigida a uma das mais jovens spallas do Brasil. Priscila Plata Rato, que tocou com ele no ano passado junto à Orquestra Sinfônica da Bahia (OSBA), considera Freire “um gênio”. Ela é uma das mais jovens spallas de uma orquestra brasileira – há um ano ocupa o posto na OSBA. Spalla vem a ser o “ombro do maestro”, um termo derivado do italiano que designa a segunda pessoa mais importante depois do maestro. De forma didática, em uma sinfônica, o spalla é aquele que pede o lá para o oboé e conduz a afinação. Uma responsabilidade.

Mas Priscila não torna o peso de sua função nenhum incapacitante para continuar levando uma vida leve, alegre e saudável. Ela é sociável e popular em seu grupo de amigos, hoje formado, em grande parte, por músicos, inclusive o namorado, o também violinista Marco Catto, 35, parceiro de muitos concertos. Para ter ideia da inédita posição de Priscila, existem no Brasil pelo menos quatro grandes sinfônicas, sem desmerecer as demais, como a OSBA, a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF) e a Orquestra Petrobras Sinfônica (OPS). Há outras, tão destacadas quanto, como a Filarmônica de Minas Gerais e a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo. Mas, somadas as quatro primeiras, todas com 60 a 80 instrumentistas contratados, há uma conta com cerca de 300 músicos envolvidos. Entre essas, Priscila é a única spalla mulher, algo raro, ainda mais levando em consideração sua juventude.

Apesar da precocidade, ela não se acha um gênio. O rótulo de genialidade, diz, aplica-se a Nelson Freire, que foi menino prodígio – ele começou a tocar piano quando tinha 3 anos. Priscila se constrange quando alguém se refere a ela assim. O regente Bernardo Bessler, 60, reconhecido como um dos maiores violinistas do País, foi professor da jovem dos 9 aos 21 anos, e também não aprecia o rótulo. A opinião dele sobre a aluna: “Priscila é uma violinista luminosa, expressiva e exuberante”. Ela foi estudar violino e tocar na Orquestra Camarata Jovem, então formada por crianças e adolescentes, sob a batuta do regente. Cerca de seis meses depois, já com 10 anos, solou decor, com orquestra, o Concerto em Lá Menor, de Vivaldi, de acordo com Bessler.

“Além do talento, Priscila tem humildade e disciplina, condições essenciais para abrir as portas de uma trajetória de sucesso”, felicita-se o mestre. É verdade, a violinista se vê como “alguém com um dom, que precisa se dedicar ao estudo para aprimorá-lo”. Priscila estudou na Suíça e já esteve antes na Bahia, aos 14 anos, quando venceu o Concurso Jovens Solistas da OSBA e tocou com Salomão Rabinovitz, então spalla da orquestra.

Priscila vem de uma família de músicos. Seus pais são o flautista Carlos Rato, 73, que tocou na orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e a pianista e professora de musicalização Nieves Plata Rato, 53. Sua avó, a pianista Iracema Plata, 85, foi aluna de Villa-Lobos e continua tocando o seu instrumento. É meia-irmã da também violinista Andrea Moriz, 43, e irmã do administrador de empresas Guilherme Rato, 27, gerente comercial de uma seguradora e o único que não deu continuidade aos estudos musicais, embora tenha iniciado no violino antes dela.

Questionada sobre os motivos que a levaram a escolher o violino como instrumento, ela diz: “Dizem que não somos nós que o escolhemos, e sim o contrário, o violino me escolheu. Desde pequena, o instrumento me chamou a atenção pelo seu timbre e vasto repertório”. No entanto, Priscila não se recorda da primeira música que tocou. Mas se lembra da primeira peça solo com orquestra. “Foi o Concerto em Lá Menor, de Vivaldi.”

Para ela, o maior desafio de sua carreira é administrar o tempo. “Tenho de liderar uma orquestra, fazer solos, fazer música de câmara, dar aulas e conduzir o mestrado que iniciei na Universidade Federal da Bahia.” No momento, Priscila não se arrisca em apontar os maiores talentos da música. “Nosso país é cheio deles... Mas citaria Pablo de León, spalla da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, e Felipe Prazeres, spalla da Orquestra Petrobras Sinfônica. Há outros, como Cláudio Cruz e Luis Filipe Coelho, de São Paulo. E, claro, o mestre Bernardo Bessler.” Pelo mundo, ela fala de sua experiência. “Tive a oportunidade de estudar

com o romeno Liviu Prunaru, na Suíça. Ele é spalla de uma das mais importantes orquestras do mundo, a Concertgebouw, de Amsterdã. Sem dúvida, é grande inspiração, como spalla e solista. E o norte-americano David Nadien, spalla da Orquestra Filarmônica de Nova York. ”

Foi com Bessler, o grande professor, que Priscila ouviu falar, pela primeira vez, no termo spalla. “Ele era spalla da Orquestra Petrobras Pró-Música (hoje, Orquestra Petrobras Sinfônica). Eu me lembro de ter achado um cargo interessante.” Mas como terá sido a primeira atuação de Priscila como spalla? Ela conta: “Eu tinha 17 anos, foi com a Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem. Já como spalla de uma grande orquestra foi na OSBA. Foram momentos e épocas diferentes, porém os dois têm muita importância. Nunca deixei de sentir aquele frio na barriga antes de entrar. Mas quando começamos a tocar, a ansiedade passa. Sinto que esse cargo exige responsabilidade. Não é fácil, mas estou adorando essa fase.”

Sobre o pianista Nelson Freire, é taxativa: “É um ídolo. Um gênio. Ter spallado o Concerto no 2, de Chopin, com ele foi especial e emocionante”. A vida da mais jovem spalla brasileira, que nasceu no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, e há um ano mora sozinha em um apartamento no centro de Salvador é corrida, mas vale a pena. “Fiquei feliz de ter sido aprovada na OSBA. Fiz amigos, fui bem recebida. Há uma energia muito boa na orquestra. Minha rotina é de estudo, ensaios, pesquisas. Adoro o Rio e, claro, sinto falta da família, do meu namorado e dos amigos cariocas. Ainda não fiquei com saudade da praia do Rio, que adoro, porque as da Bahia são lindas.”

<http://brasileiros.com.br/2015/03/125727/>